

Questão de estilo

Queridos Irmãos,

O apelo de Dom Orione - **Lancemo-nos no fogo dos tempos novos!** - deve continuar a ecoar por todo o mundo orionita. Embora mais de um ano se passou desde o Capítulo Geral, onde foi reafirmado e reiterado em suas várias fases, este apelo é mais relevante do que nunca. De fato, “Lancemo-nos” é a conjugação do verbo no tempo presente, um tempo também repleto de “passado” e de “futuro”. Mais que isso: o “presente”, o nosso “presente”, é a dobradura, o ponto onde passado e futuro se encontram.

Ao “passado” olhamos com gratidão, porque “o nosso futuro está lá”, na experiência paradigmática que Dom Orione viveu. “*Se amamos Dom Orione, não podemos deixar de repetir sua experiência carismática*”, disse Dom Inácio Terzi, apresentando nossas Constituições. “*Se você me amou no passado – o próprio Dom Orione nos pediu – continue a me amar in Domino para o futuro*” (7 de agosto de 1935).

“*Ser, hoje, Dom Orione!*” é uma questão vital, uma questão de amor que se torna, para nós, um compromisso com uma vida consagrada de qualidade. Como fez no seu tempo, Dom Orione colocaria hoje ao serviço de Cristo e da Igreja as suas melhores energias apostólicas, o seu profundo sentido eclesial, a criatividade das suas iniciativas pastorais, o seu amor pelos pobres, do qual surgiram numerosas obras de caridade. Por isso, a mesma generosidade e abnegação que impulsionou o nosso Fundador deve levar-nos a manter vivo o seu carisma para que, “*com a mesma força do Espírito que o inspirou, continue a enriquecer e a adaptar-se, sem perder o seu caráter genuíno, para colocar-se ao serviço da Igreja e levar à plenitude a implantação do seu Reino.*” São palavras que nos devem estimular. (cf. São João Paulo II. Carta apostólica aos religiosos da América Latina, 29/06/1990, n. 26).

Estamos agora na longa fase pós-capítulo, no período em que nossa tarefa mais importante é *traduzir* as diretrizes e decisões do Capítulo em opções de vida. Isso significa passar de “palavras escritas” para “palavras vividas”. Devemos sentir viva “*a força do carisma*”, sentir “*o compromisso que exige ser seguidores e familiares de um grande testemunho da caridade de Cristo*”, sentir o compromisso de tornar presente com a nossa vida e a nossa ação, “*o fogo da caridade no mundo de hoje*” como nos pediu o Papa Francisco (26/06/2022).

Queridos Irmãos, o XV Capítulo Geral propôs um itinerário de renovação para sermos fiéis ao carisma do nosso Fundador. Como podemos realizar isso?

Quando teve de promover o “Pequeno Cotelengo de Gênova”, Dom Orione comparou-o ao “*grão de mostarda do Evangelho, bastante pequeno*” que, para crescer, dependia não de estratégias administrativas ou da eficácia da angariação de fundos, mas das seguintes disposições pessoais: “*Se, abandonados inteiramente à Divina Providência, orarmos com fé, se vivermos do Tabernáculo, se permaneceremos humildes e ajoelhados aos pés da Santa*

Igreja e dos pobres de Jesus Cristo, a Providência do Senhor fará crescer e expandir a pequena semente, para conforto e salvação de um grande número de infelizes” (Scritti 62,125). O mesmo princípio se aplica agora: não com as mãos, nem mesmo com o cérebro realizaremos o programa do Capítulo, mas com os joelhos dobrados, isto é, com humildade, com a oração e no abandono à Divina Providência.

A Assembleia capitular foi capaz de compreender esta intuição ao dizer que, para *nos lançarmos no fogo dos novos tempos*, como tarefa primária e “Ação Fundante”, devemos nos comprometer a “*Fazer de Cristo o coração do mundo*”, o que significa “*Centralidade de Cristo e adesão corajosa e atualização do carisma orionita*” (15CG, n. 2s). Ele pediu que nossas respostas a situações e problemas sejam dadas com um “*estilo orionino*” (cf. 15CG, n. 57) e expressou o desejo de ver realizado o “sonho” de “*uma identidade orionina madura e consciente*” que só pode ser baseado em Cristo e “*através das quais os religiosos se sentem filhos do mesmo pai, irmãos alegres e entusiastas, corajosos e fecundos na evangelização*” (cf. 15CG, n. 7).

Tudo questão de estilo

Uma leitura cuidadosa e profunda do documento do XV Capítulo Geral observa o uso repetido do termo “estilo”. Ocorre 18 vezes no texto (na *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si'* a palavra aparece, 22 e 18 vezes, respectivamente). No documento do capítulo, além da expressão “estilo orionino”, usada principalmente em nosso discurso comum, os Padres usaram o termo para recordar o “estilo sinodal”, o “estilo de misericórdia e ternura”, o “estilo de serviço”, o “estilo mais evangélico” o “estilo de vida pobre” e, finalmente, o “estilo do apostolado orionita”. Uma identidade é construída com “estilo”!

Um olhar para os outros documentos finais de nossos capítulos observa que, a partir do X Capítulo, o termo é usado com relativa frequência e em um tom quase nostálgico para recordar o desejo de uma recuperação do “estilo” de Dom Orione em diversos âmbitos (espiritual, comunitário, apostólico, carismático...). No X Capítulo Geral (1992: Ser hoje o Fundador), por exemplo, São João Paulo II dirigindo-se aos capitulares, esperava que “*o estilo de pobreza, simplicidade e abandono à Divina Providência, próprio do vosso Fundador, se mantivesse inalterado*”. Na parte documental, o Capítulo pede que, em diálogo com o mundo, seja implementado um “*estilo popular de ser e agir característico de Dom Orione*” (n. 32) e a necessidade de “*assimilar as Constituições, para que se tornem um estilo de vida*” (n. 62).

O XI Capítulo Geral (1998: Religiosos e Leigos Orionitas em missão no Terceiro Milênio) também pediu, especialmente para aqueles que têm “*uma responsabilidade*”, “*interpretar com fidelidade dinâmica o carisma do Fundador, traduzindo-o em novas formas no estilo de vida pessoal, comunitário e das obras*” (n.179). Por sua vez, o XII Capítulo (2004: Cem Anos de Vida: Fidelidade Criativa) destaca novamente uma palavra do Papa João Paulo II que exorta: “*No estilo do vosso Fundador... não tendes medo de procurar... o elevado padrão de vida cristã, recorrendo a uma verdadeira e adequada pedagogia da santidade*” (cf. 12CG p. 14). O documento também fala de um “*estilo de serviço orionino na obra*” a ser implantado através de uma “*releitura laical do carisma*” (p. 62).

Os dois capítulos sucessivos – o décimo terceiro (2010: Somente a caridade salvará o mundo) e o décimo quarto (2016: Servos de Cristo e dos Pobres) – retomam o termo com palavras semelhantes para recordar especialmente um “*estilo humilde, simples e popular*”.

Nossas Constituições também fazem uso do termo, oferecendo diretrizes e princípios que ajudam a definir concretamente o que nosso “estilo orionino” significa e como descrevê-lo na vida pessoal, comunitária e congregacional.

As Constituições nos propõem, por exemplo, atitudes para ter um “*estilo de obediência*”, que significa especialmente *um profundo respeito pelas pessoas* (Art. 45), exercer autoridade *em espírito de serviço aos irmãos* (Art. 136) e governar *com caridade e discrição em tudo* (Art. 219).

Com propostas simples e ordinárias, delineiam o “estilo de vida” do religioso orionita: *oração diária, compreensão mútua e perdão generoso das ofensas, caridade refinada, partilha fraterna de momentos de relax e lazer, rejeição da murmuração, de fofocas e toda falta de sinceridade, afetuosa consideração pelos idosos e encorajamento aos mais jovens* (Art. 64). Quanto aos noviços, as Constituições pedem acolhimento “*numa comunidade que responda plenamente ao nosso estilo e onde o exemplo de vida simples e harmoniosa os ajude a formar-se no espírito das bem-aventuranças e na prática dos conselhos evangélicos*” (Art. 91); para os tirocinantes almejam “*uma experiência que consista “num contato imediato com o apostolado característico da Congregação (...) que os penetre no nosso espírito e no nosso estilo de vida”* (art. 102).

A nossa “missão apostólica” tem também um estilo próprio e é “qualificada” como “*aquele patrimônio de perspectivas, impulsos e estilo próprio do Fundador que garante, para além da variedade e da multiplicidade das obras, a nossa identidade apostólica*” (art. 117). E qual é o “estilo do Fundador”? O artigo seguinte, 118, deixa isso claro: é caracterizado pelo “*programa que o Fundador expressou no grito apaixonado Almas! Almas!*” (O texto completo, conhecido como “Almas! Almas!”, foi publicado em uma única edição em 2015).

É difícil destacar um trecho como síntese daquele poema místico. É todo o texto que nos fala do estilo de vida, vocação e missão do Fundador. Para nos motivar, no entanto, para a tarefa de sua leitura meditada, aqui está um pequeno trecho que poderia definir “o estilo de apostolado orionita”: “*Salvar sempre, salvar a todos, salvar ao custo de qualquer sacrifício, com paixão redentora, com holocausto redentor. Somos os inebriados da caridade e os loucos da Cruz de Cristo Crucificado. Acima de tudo, com uma vida humilde, santa, cheia de bem, para ensinar os pequenos e os pobres, a seguir o caminho de Deus. Viver em uma esfera luminosa, embriagada com a luz e o amor divino de Cristo e dos pobres, e com o orvalho celestial, como a cotovia que sai cantando ao sol. Que nossa mesa seja como um ágape cristão antigo. Almas! Almas! Tenham um grande coração e a loucura divina das almas*”.

Esta visão geral, essencial e breve, dos nossos documentos, serve-nos já para compreender que o termo “estilo” toca a concretude da vida, diz respeito à forma com que nos apresentamos ao mundo e à Igreja, no nosso caso com um “estilo orionino” que já é em si conteúdo e forma.

Dom Orione quis viver “como” Cristo, identificando-se com seu estilo: renovou seus gestos, aplicou suas palavras, adotou sua atitude, assumiu suas opções preferenciais etc. Ele deixou escrito: “*Quero ser um homem de Deus e impresso na forma de Jesus Cristo*” (Scritti 55,166). Devemos seguir o mesmo caminho de conversão para ter o seu estilo.

Mas o que é “estilo”?

“Se ninguém me pergunta, eu sei: mas se eu quisesse dar uma explicação para aqueles que me perguntam, eu não sei”. Lembrei-me desta resposta de Santo Agostinho acerca do “tempo”, quando me fiz esta pergunta (cf. Confissões, XI, 14). Talvez estejamos na mesma condição se tentarmos definir o “estilo” além de uma ilustração de dicionário limitada e formal. A ampla aplicação do termo e, acima de tudo, sua abundante riqueza semântica exige ir mais longe.

Podemos partir da etimologia: o termo vem do latim *stilus* (caneta), que foi o instrumento com o qual se escrevia, num modo de incisão, sobre uma superfície, como por exemplo, em uma tábua encerada. Com o tempo, a palavra caracterizou o modo pessoal de escrever e, em seguida, passou a um significado muito mais amplo e rico que se refere a tudo o que distingue uma pessoa ou uma obra (cf. N. Galantino, em: “Il Sole 24 Ore”, 04/03/2018).

Também o teólogo jesuíta Christoph Theobald nos ajuda ao dizer que a noção de estilo *“impõe-se a partir do momento em que somos confrontados com a singularidade de uma determinada obra, de um certo autor, ou mais simplesmente de uma tal pessoa, única, diante da sua atitude, que já não se enquadra no âmbito de uma comparação de classificação, mas na manifestação de incomparável singularidade e autêntica inovação.”* Assim, o teólogo autor do livro *“Cristianismo como estilo”* aplica o conceito à manifestação da figura de Cristo por *“sua incomparável singularidade como Filho unigênito do Pai e a novidade sempre nova de seu Evangelho.”* De fato, os guardas do templo disseram: *“Nunca um homem falou assim”* (Jo 7, 46). (cf. Christoph Theobald, O Estilo Cristão, O Reino – Attualità, 22/2019).

O “estilo” - Theobald novamente resume – é uma *“maneira de habitar o mundo”*. No caso de Jesus, os Evangelhos destacam a sua maneira de relacionar-se com as pessoas, as suas atitudes e gestos. É muito bonita a síntese do estilo apostólico de Jesus feita pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (n. 269): *“Como nos faz bem ver [Jesus] perto de todos! Se falava com alguém, fixava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: «Jesus fixando nele o olhar, amou-o» (Mc 10,21). Vemo-lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf Mc 2, 16), sem se importar que o tratem como glutão e bebedor (cf Mt 11, 19). Vemo-lo disponível quando deixa uma prostituta ungir seus pés (Lc 7, 36-50) ou quando recebe Nicodemos à noite (Jo 3, 1-15). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar deste estilo que marcou toda a sua existência.”*

Em outro discurso, que é muito significativo para nós, porque depois de apresentar o “estilo de Jesus”, ele citou Dom Orione como um exemplo de *“sacerdote que leva uma vida de encontro, com o Senhor na oração e com as pessoas até o final do dia”*, o Papa Francisco foi ainda mais explícito: *“Como era o estilo de Jesus como pastor? Jesus estava sempre na estrada. (...) Isso significa proximidade com as pessoas, proximidade com os problemas. Ele não se escondia. Depois, à noite, muitas vezes se escondia para orar, para estar com o Pai. E estas duas coisas, esta forma de ver Jesus, na estrada e na oração, ajudam muito para a nossa vida diária”* (Gênova, 27/05/2017).

Do “estilo de Jesus”, através do discipulado, ao “estilo do cristão”. Aqueles que seguem Jesus assumem uma identidade quando se tornam “discípulos de um estilo”, não de uma ideia, mas de uma maneira de habitar o mundo e evangelizar: *“Fascinados por este modelo [por este estilo] queremos nos inserir profundamente na sociedade, compartilhamos a vida com todos, ouvimos suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente em suas necessidades, nos alegramos com aqueles que estão em alegria, choramos com aqueles que choram e nos*

envolvemos na construção de um novo mundo, lado a lado com os outros. Mas não como uma obrigação, não como um fardo exaustivo, mas como uma escolha pessoal que nos enche de alegria e nos dá identidade” (Evangelii Gaudium, 269).

Para que o estilo seja credível e autêntico, deve haver, no entanto, uma concordância entre o conteúdo e a forma: o que vai convencer não é apenas o que é dito ao outro (conteúdo), mas a maneira de dizê-lo (forma). Poderíamos recordar aqui o ditado latino que expressa a força do testemunho: *Verba docent, exempla trahunt*; as palavras ensinam, os exemplos arrastam. A este respeito, Enzo Bianchi vê que nos Evangelhos há mais advertências na boca de Jesus sobre a “forma” do que sobre o “conteúdo”: *“A mensagem é sempre breve, concisa e essencialmente preocupada com a vinda do Reino de Deus, enquanto as palavras de Jesus sobre como esta mensagem deve ser anunciada são muitas, precisas e pontuais: «Ide como ovelhas entre lobos» (cf. Mt 10,16); «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29); «Não sejais como os hipócritas» (cf. Mt 6, 2, 5.16)...”*. E ainda: *“O estilo com que o cristão está no mundo e na história é, portanto, decisivo: a própria fé depende dela, que nunca pode ser contrariada pelos meios e pelos modos como é narrada, transmitida ou testemunhada”*. Portanto, *“uma das mais graves contradições para um testemunho cristão eficaz hoje deve ser apontada precisamente a falta de estilo: em comunicar, em primeiro lugar, mas também na tentativa de viver as exigências evangélicas.”* (Enzo Bianchi, In: Rivista Jesus, 08/2013).

O estilo orionita

Já tive muitas vezes a experiência – mas tenho certeza que não sou o único – de ouvir pessoas que, de um lado ao outro do mundo orionita, de forma espontânea e muito sincera, identificam e qualificam o “estilo dos orionitas” nas atividades, no modo de viver, de evangelizar, liderar uma paróquia, cuidar dos mais frágeis, no modo de lidar com as pessoas ou de viver a vida consagrada. Olhando e reconhecendo o estilo que herdamos de Dom Orione, as pessoas estão olhando para a concretude de nossa vida e destacando nossa “própria fisionomia” na Igreja. E isso é um valor, é uma “vantagem”. É a própria Igreja que nos motiva a viver na autenticidade a nossa “herança”, a nossa “identidade”, a nossa “tradição”, o nosso “estilo” (cf. Perfectae caritatis, 2) Ser Orionitas! Quanto mais orionitas, melhor! Nesta linha, o Papa Francisco nos encorajou, em 25 de junho de 2022: *“Obrigado... especialmente pelo que vocês são e pelo que fazem.”* E reconhecendo nossa identidade específica na Igreja, mais recentemente, ele disse em um encontro informal: *“Vocês têm um carisma muito importante”* (23/11/2023).

Uma importância que vem à luz e que começa a ser plasmada como um estilo nos primeiros anos de formação de Dom Orione: *“É de se lembrar que Dom Orione toma seu primeiro «molde» de pensamento e ação – como clérigo – na era da Rerum Novarum (1891), nas florescentes iniciativas sociais, culturais e religiosas da Obra dos Congressos. É clérigo em Tortona, no seminário de Dom Igino Bandi, que por sua ação e suas Cartas Pastorais é chamado «o bispo da ação social», e que faz saltar nos escritos e em cada púlpito um lema (do Papa Leão XIII), «Clero fora da sacristia!» com a qual pretendia unir o clero e os leigos numa pastoral mais encarnada, menos administrativa e mais apostólica, popular. Todavia, era necessário um novo estilo de sacerdote, uma nova espiritualidade. A Providência dispôs que neste ambiente «nascesse» Dom Orione. Entre mil dificuldades práticas e contrastes de todos os tipos, Dom Bandi reconheceu-o como «seu», aliás «um padre como exigem a Igreja e os novos tempos». Um sacerdote de fé que faz da sua vida um fervoroso apostolado em*

favor dos pobres e dos oprimidos, como é toda a sua vida e o Evangelho de Jesus Cristo". (F. Peloso, *Messaggi* 77, p. 13).

Na vida de Dom Orione aconteceu uma experiência forte e impactante que contribuiu significativamente para moldar seu estilo, quando ele ouviu o "grito dos pobres" que se elevou das áreas de terremoto de Reggio e Messina, primeiro, e depois, Avezzano. *"O Pai dos órfãos nasceu ali e, como o homem, o seu estilo. (...) Estilo de ressurreição, que é a síntese do Evangelho."* Com efeito, *"A ressurreição é o tema agradável ao estilo ígneo [ardente] de Dom Orione..."*. (cf. Raffaele Forni, *Messaggi* 31, p. 10-11).

São João Paulo II, no seu discurso aos membros do Capítulo de 1992, aquele do «Ser, hoje, o Fundador», recordou o contexto histórico social e eclesial em que Dom Orione viveu e concluiu: *"Era necessária uma nova maneira de ser «sal e fermento do mundo», uma nova maneira de «semear e arar Cristo no povo»."* Mas o Papa foi mais longe: *"Era a urgência da Igreja daquela época. E a urgência da Igreja também permanece hoje."* Por isso, *"Sois chamados a ser, como vosso Pai espiritual..."*. (São João Paulo II, 16/05/1992).

Queridos Irmãos, olhemos para a originalidade do estilo de Dom Orione e conformemo-nos cada vez mais ao seu estilo: *"Somos religiosos na medida em que não sou mais «eu» agindo, mas «Dom Orione» agindo em mim. O seu modo de vida, o seu pensamento, as suas atitudes devem tornar-se o meu modo de ser"*. (Fichas para a Formação Permanente, 2022-2023, p. 20).

A Igreja espera de nós precisamente isto: o testemunho do "modo de ser" original de Dom Orione. Recordo as palavras do Cardeal Arcebispo de Rabat, quando nos convidou a abrir uma presença em Marrocos: *"O interesse pela presença da vossa Congregação no Marrocos não é motivado principalmente pela solução de um problema concreto da diocese, mas por ser capaz de enriquecer esta Igreja particular com o carisma que o Espírito inspirou, ao serviço da Igreja e do mundo, através de Dom Orione, um carisma do qual vocês são depositários, líderes e administradores. Portanto, a presença de uma comunidade de irmãos é preciosa em si mesma, para além da tarefa que realizam ou das obras que animam. Nos interessa mais o que vocês vivem e são do que o que podem fazer e organizar."* E é muito belo e edificante quando um confrade sente que pode responder ao apelo missionário, porque reconhece num determinado lugar e contexto eclesial o lugar ideal para desenvolver ainda mais o seu "estilo orionino": *"Quando li que a Congregação ia para Marrocos, disse a mim mesmo: «É este o meu lugar!»". O Marrocos abre, para mim, perspectivas interessantes: dar-me-ia a possibilidade de estar próximo dos pobres mais pobres; em contato com uma cultura e uma fé tão ricas e tão distantes..."*.

O testemunho do nosso "ser orionita", no entanto, não é uma exclusividade de Marrocos. Penso em muitos outros lugares onde o estilo de Dom Orione faz a diferença. Entre estes, penso agora nos confrades que mantêm posições na Ucrânia, especialmente P. Moreno Cattelan que está em Kiev.

Para nós, hoje, seus filhos, Dom Orione continua a repetir: *"Vocês são os fundadores, eu sou apenas um irmão mais velho, o primeiro, por ordem de tempo, chamado pela misericórdia divina, mas são vocês que fazem as casas irem em frente, são vocês que dão o rosto da Congregação, são vocês. Devemos ser uma força doutrinária em defesa da Igreja... Ou ser como devemos ser ou não ser. É uma questão de vida ou morte."* (Agosto 1934; *Riunioni* 159-161).

O estilo para o “Lancemo-nos no fogo dos tempos novos”

O 15º Capítulo Geral nos apresentou um programa para o mandato de seis anos baseado em “*Lancemo-nos...*”. Devemos perguntar-nos: com que estilo nos apresentaremos ao mundo e à Igreja para responder à chamada do Fundador e pôr em prática o programa do Capítulo? Qual estilo particular de orionita requerem os “novos tempos” que vivemos? Que aspectos do estilo orionino seriam reforçados na execução deste programa? Que estilo de vida consagrada nos inspira o Espírito Santo para um testemunho credível e autêntico?

Estas são perguntas que o documento final do Capítulo pode nos ajudar a responder. Devemos tê-lo em nossas mãos, mas apresento um resumo preparado pelo Conselho Geral. É um “pró-memória” para nos lembrar das prioridades do nosso compromisso de renovação e missão.

O “estilo orionino” necessário para o “lançar-se...” segundo o programa do capítulo, é o estilo do amante da Palavra de Deus e do apaixonado por Dom Orione e seu carisma. As duas primeiras orientações são as seguintes:

1. Enamorar-se de Deus e de Sua Palavra

Enamorar-se de Deus e de Sua Palavra fazendo de Cristo o centro da nossa vida, é a condição *sine qua non* para *lançar-nos no fogo dos tempos novos*. O Capítulo nos indicou como tarefa especial para os próximos seis anos a experiência do encontro com a Palavra de Deus na *Lectio Divina* e a definiu como “*o caminho para o encontro com Jesus, que nos ilumina e guia em cada momento da vida*” (15CG, 8). Isto exige fidelidade, perseverança e criatividade pastoral.

No entanto, a *Lectio* não é mais uma coisa a fazer, mas um processo de imersão na Palavra de Deus a partir do qual todas as outras atividades nascem e extraem a linfa vital. Ela nos conduz ao centro da espiritualidade cristã que é Jesus, à conversão a Ele e ao seu seguimento. Dom Orione disse: “*Nossa primeira regra é, portanto, a observância do Santo Evangelho. Mas para observar o Evangelho é, antes de tudo, necessário conhecê-lo: conhecê-lo bem e depois, com a ajuda de Deus, vivê-lo, o Santo Evangelho, vivê-lo no espírito e na forma. (...) É por isso que a Imitação de Cristo nos diz, desde o primeiro capítulo: «Que o nosso estudo supremo esteja meditando na vida de Jesus». E não diz meditar a vida, mas na vida de Jesus, isto é, entrar no íntimo e no viver de Jesus, da vida de Jesus.*” (Don Orione, 10/08/1935; Lettere II, p. 277; nos cadernos *Messaggi* n. 121 há um belo texto intitulado “*Alla scuola del Vangelo, Suggestimenti di San Luigi Orione per leggere e vivere il Vangelo*”).

Então: *Cristo é realmente o coração da minha existência quotidiana, dos nossos programas e projetos apostólicos? Nossa oração nos ajuda a crescer na espiritualidade, o que significa que me ajuda a ser “mais orionita”? Ajuda-me a encontrar inspiração e força para o meu apostolado diário? Temos momentos comunitários para verificar o nosso caminho de formação humana e espiritual? Como se vive normalmente o contato pessoal e/ou comunitário com a Palavra de Deus? Pratica-se a Lectio Divina na Comunidade? E no apostolado com o povo? O horário comunitário contempla o tempo da Meditação quotidiana?*

2. Apaixonar-se por Dom Orione e pela sua santidade

O Capítulo colocou em evidência que “*O nosso Fundador viveu um carisma que é uma riqueza extraordinária*”. São João Paulo II, por ocasião do 50º aniversário da morte do Fundador (1990), assim nos exortava: “*Dom Orione quis fazer de Cristo o coração do mundo*

depois de tê-lo feito o coração do seu coração. Por isso, é necessário que a sua família religiosa tenha também o seu corajoso otimismo. (...) Sinto-me feliz por desejar que, firmemente ancorados no seu carisma, os Filhos da Divina Providência, as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, os membros dos Institutos Seculares, juntamente com os ex-Alunos, os Amigos da Obra estejam prontos a responder com renovado entusiasmo aos desafios do nosso tempo e dos anos vindouros, voltando sempre o olhar para a figura e os exemplos do Fundador para serem a sua continuação vivente”.

O XV Capítulo Geral nos convida a uma corajosa adesão e atualização do carisma orionita. E nos sugeriu uma ferramenta concreta na prática da *Lectio Orionina*, que pode nos ajudar a entender como o exemplo do nosso Fundador, e de seus primeiros seguidores, tem a força para iluminar nossos dias, para tocar nossas diferentes sensibilidades, gerando desejos de bem.

Portanto: *Como se está aprofundando o conhecimento da vida e dos escritos de Dom Orione em nível pessoal e/ou comunitário? Implementamos alguma iniciativa nova para tornar conhecido o Fundador e promover a sua figura, sua espiritualidade e trabalho, especialmente entre os jovens? Nas Constituições é delineado o estilo do religioso orionita. O que estamos fazendo para redescobrir e consolidar o conhecimento de nossas Constituições e atualizá-las em nossas vidas?*

3. Renovar-se em tudo! Para que a nossa consagração seja profética

Sonhamos com religiosos e comunidades que se animem a exprimir com diversas iniciativas o espírito de uma nova forma de vida religiosa. No Evangelho o Senhor nos diz: *“Vinho novo em odres novos”* (Mt 9,17). E Dom Orione nos exorta: *“Renovar-se ou morrer... Renovar-se em tudo! Essas minhas palavras são um pouco fortes, mas vocês percebam a sua substância e vejam o desejo que tenho de que a Congregação viva seu espírito e não se fossilize...”* (Riunioni 159ss).

O Capítulo propôs quatro dimensões de nosso estilo de vida consagrado que devem ser renovadas e fortalecidas em vista de uma identidade de religiosos orionitas, fiéis ao mesmo tempo ao carisma de origem e hoje.

a) Viver as dinâmicas comunitárias com um estilo mais evangélico

Temos que reconhecer que na vida cotidiana é difícil praticar a vida fraterna. Sentimos a necessidade de melhorar a qualidade de nossas relações, o tempo que dedicamos à escuta e ao diálogo com nossos irmãos, superando a dificuldade de expressar sentimentos de benevolência mútua. Dom Orione nos chama a viver *“a santidade na fraterna e doce caridade”* (Scritti 82,114). Papa Francisco lembra aos religiosos que *“viver o presente com paixão significa tornar-se 'especialistas de comunhão'... Numa sociedade de confronto, da difícil convivência das diferentes culturas, da opressão dos mais fracos, das desigualdades, somos chamados a oferecer um modelo concreto de comunidade que, através do reconhecimento da dignidade de cada pessoa e da partilha do dom de que todos são portadores, nos permita viver relações fraternas”*. (21/11/2014)

O Capítulo nos estimula à novidade (“o fogo dos tempos novos”) que nos ajuda a nutrir e testemunhar a vontade e a beleza da vida fraterna, a dar novo impulso às nossas comunidades, através de uma revisão e uma mudança de espírito e estrutura, passando de uma compreensão menos hierárquica para uma compreensão mais sinodal da vida comunitária.

Estamos promovendo novas dinâmicas fraternas, não condicionadas por padrões antigos e tradicionais ligados mais à observância do que à substância? Percebe-se o espírito de família na comunidade? O nosso apostolado é uma iniciativa de cada religioso ou da comunidade? Como dar um rosto comunitário ao nosso apostolado?

b) Enfrentar as novas pobreza com um estilo pobre

Na Congregação, suscitou muito interesse e esforços consideráveis também foram feitos para enfrentar as pobreza de fronteira. No entanto, sentimos ainda algum temor e resistência para sair de nossas seguranças e atividades tradicionais para enfrentar com um estilo pobre as novas pobreza e situações emergentes (“fogo”) de nossos tempos (“tempos novos”). Dom Orione nos ensinou: *“Não basta dizer: vivemos como pobres. Não basta dizer: fizemos voto de ser pobres! Não basta! Desposar a pobreza significa incorporar em nós a vida dos mais pobres, dos mais abandonados, dos mais rejeitados e dos mais aflitos. Isto é desposar a pobreza! (...) é amar a pobreza, o retrato de Cristo em nossos irmãos, e amá-la tanto (...) e vivê-la tanto, como o esposo ama a esposa.”* (Parola 11,142).

O estilo de pobreza que Dom Orione nos transmitiu inclui o trabalho manual, o “trabalho sagrado”. *“Somos e queremos ser, com a ajuda de Deus, os sacerdotes do trabalho. Não é só com os sermões que as almas se convertem, mas também com o trabalho. E, se o Evangelho voltou para muitas famílias de San Bernardino, certamente não voltou por causa dos sermões do reitor de San Michele, vocês me entendem, mas porque eles viram os sacerdotes trabalhando. As pessoas querem ver a realidade!”* (Parola 230). Portanto, não apenas o “fazer os outros fazerem”, mas também o “fazer” em primeira pessoa.

Portanto: *Somos uma Família religiosa que passa cada vez mais das obras de caridade para o “operar a caridade”, colocando uma ênfase sempre maior no estilo de vida pobre entre os pobres, para dar credibilidade à nossa ação caritativa? Somos uma comunidade em primeira linha na relação com a pobreza local, com os problemas do nosso povo e da sociedade? Que experiências de partilha concreta com os pobres estão sendo realizadas?*

c) Crescer como Família Carismática com o estilo da comunhão

Nos últimos anos temos experimentado um crescimento significativo na consciência de pertencer a uma grande Família Carismática, com potencialidades cada vez mais fecundas. No entanto, é necessário continuar este caminho de redescoberta, especialmente no conhecimento da vocação específica dos vários ramos que o compõem, e no compromisso de construir uma comunhão cada vez maior, a fim de experimentar a valorização e a partilha dos talentos de cada um a serviço dos mais pobres (cfr. CG XV n. 77, 78).

Papa Francisco nos lembra que somos uma *“planta única com muitos ramos, composta por religiosos e religiosas, consagradas seculares e leigos, todos nutridos pelo mesmo carisma de São Luís Orione”*, e nos encoraja *“a percorrer estradas de colaboração entre todos os componentes desta rica família carismática. Ninguém na Igreja caminha de ‘modo solitário’”. Cultivem o espírito do encontro, o espírito de família e de cooperação”* (Aos Capitulares, 25/06/2023).

Como são as relações com os diferentes membros da Família Carismática Orionita? Como estamos promovendo as vocações dos diferentes ramos da Família Carismática?

d) Administrar os dons da Providência com o estilo da partilha

“Nós não somos senão os administradores do que pertence à Igreja e aos pobres: e a Deus, à Igreja e aos pobres haveremos de prestar contas.” (Lettere I, 473) As Constituições (n. 225) nos recordam que: “os bens da Pequena Obra têm um caráter eclesial e devem ser administrados e empregados com a máxima fidelidade, em vista não só das necessidades da Congregação, mas também das necessidades da Igreja e dos pobres.”

Este é um forte apelo à nossa responsabilidade sobre o modo como administramos os recursos econômicos e a transparência na gestão dos bens que a Providência nos dá para o benefício dos pobres.

Existe uma dimensão sinodal na gestão econômica da sua comunidade/obra/paróquia? Existe um espírito/compromisso de transparência na dependência econômica em nível pessoal para com a comunidade e em nível comunitário para com a Província? Existe o compromisso de todos com uma gestão economicamente responsável da Obra, que vise a autossuficiência financeira, para favorecer o impulso missionário também na dimensão econômica da sua Comunidade e da própria Província?

Queridos Irmãos, o estilo de Dom Orione é o estilo dos santos, daqueles que estavam em contato regular com o Senhor. Alguém disse que estar na frente de Dom Orione era como estar na frente de um “*tabernáculo vivo*”. Seu estilo foi bem resumido nestas palavras:

“Ele era de estatura média, robusto e curvado atrás, a testa espaçosa e marcada por rugas profundas; olhos vivazes, em que branco e preto se destacavam móveis e penetrantes, cabelos grossos e brancos, andar vigoroso, rosto aberto quase sempre ao sorriso. Sofreu muito, mas tudo soube suportar como sacrifício a Deus e tudo esconder para não fazer pesar sobre os outros a própria dor. Ele evidentemente não tinha nada do que é necessário, e às vezes é decisivo, para torná-lo um artista, um diplomata, um hierarca autoritário. Ele tinha os olhos de uma criança, a voz de um irmão, as mãos de um camponês, o passo atento do pastor misericordioso. Nada, portanto, para fazer dele um homem famoso, mas o suficiente para torná-lo um santo” (D. Loris F. Capovilla, 07/12/1977; in: Messaggi 39, p. 15).

Agradecemos ao Senhor por nos ter dado São Luís Orione como Pai e Fundador, que nos inspira a viver um estilo de vida de total dedicação ao anúncio do Evangelho. “*E imploremos do Senhor a graça que Dom Orione seja glorificado pela fidelidade de quantos seguem o seu exemplo e honram a sua memória, e que sejam transfundidos em todos nós os sentimentos mais operantes e mais queridos que ele teve: confiança na providente Divina Bondade, adesão filial à santa Igreja e amor apaixonado pelos pequeninos, pelos pobres, pelos sofredores, pelo próximo necessitado de cuidado e conforto.*” (São Paulo VI, 23/12/1972).

Fraternalmente,

P. Tarcísio Vieira

P. Tarcísio G. Vieira
Diretor geral

